

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS POSSE**  
**LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS**

**MAYRE OLIVEIRA SANTOS**  
**ROSIANE OLIVEIRA SANTOS**

**O RETRATO REALISTA DA SECA NORDESTINA NA OBRA “VIDAS SECAS” DE  
GRACILIANO RAMOS**

**POSSE - GO**  
**NOVEMBRO/ 2016**

MAYRE OLIVEIRA SANTOS  
ROSIANE OLIVEIRA SANTOS

**O RETRATO REALISTA DA SECA NORDESTINA NA OBRA “VIDAS SECAS” DE  
GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada á Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, para a obtenção de grau de Licenciatura em Letras: Português/Inglês. Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Esp. Doralice Santiago Rocha

**POSSE - GO**  
**NOVEMBRO/ 2017**

**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE-GOIÁS  
CÂMPUS POSSE-GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS  
LITERATURAS**

---

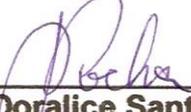
## FOLHA DE APROVAÇÃO

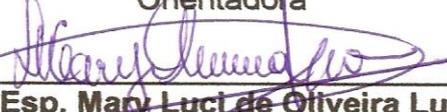
**Autores:** Mayre Oliveira Santos e Rosiane Oliveira Santos

**Título:** O retrato realista da seca nordestina na obra "Vidas Secas de Graciliano Ramos

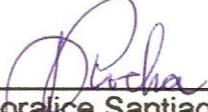
Monografia defendida e aprovada em 22 / 11 / 2017

Com NOTA \_\_\_\_\_ ( ), pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha**  
Universidade Estadual de Goiás  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Esp. Mary Luci de Oliveira Lunezzo**  
Universidade Estadual de Goiás  
1º Examinador

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Esp. Assíria Caldeira de Souza**  
Universidade Estadual de Goiás  
2º Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

  
\_\_\_\_\_  
Prof.º Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro  
Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

Dedicamos este trabalho, primeiramente a Deus, que nos guiou ao longo dessa caminhada, aos nossos pais, pelo incentivo. A professora Doralice Santiago Rocha pelas orientações, e ao nosso esforço individual, que foi essencial para a conclusão deste trabalho.

"A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade".

(Afrânio Coutinho).

Agradecemos primeiramente a Deus, porque através dele que todas as coisas deram certo. Agradecemos também aos nossos familiares, em especial a nossa mãe Maria Aparecida dos Santos e ao nosso pai Domingos José de Oliveira, que nos apoiam em todos os momentos, eles que nos incentivaram e esteve presente desde o início da nossa trajetória acadêmica. Agradecemos a nossa avó Severiana (*in memória*) que participou em parte e não deixou de incentivar o início da nossa caminhada, também a nossa professora orientadora Doralice Santiago Rocha pelas orientações e ensinamentos.

## RESUMO

A pesquisa aborda os diferentes aspectos que caracteriza uma vida seca, dentro da obra do autor Graciliano Ramos, desde o ambiente árido à questões sociais que oprimem e excluem os personagens. Estes caminham por uma longa jornada sofrem diferentes situações. Este presente trabalho tem como foco principal a realidade presente no livro, onde podemos comparar a família do Fabiano a muitos homens que também habitam o sertão brasileiro, e que sofrem com a seca, falta de instrução e com a exploração de outros homens. Desde o título da obra consegue-se, captar a desumanização em que a seca causa aos personagens, por isso a relevância de se trabalhar uma obra que mostra o lado invisível do Brasil diante da sociedade.

**Palavras-chaves:** seca; Graciliano Ramos; retirantes; realidade; realismo.

## **ABSTRACT**

The research addresses the different aspects that characterize a dry life, inside the author Graciliano Ramos, from the arid environment to social issues that oppress and exclude the characters. They walk for a long journey suffer different situations. This present work has as its main focus the reality present in the book, where we can compare Fabiano's family to many men who also inhabit the sertão, and suffering the drought, lack of education and the exploitation of other men. Since the title of the work you can capture the dehumanization in that drought causes to the characters, so the relevance of working a work that shows the invisible side of Brazil before the society.

**Keywords:** drought; Graciliano Ramos; retreatants; reality; realism

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I</b> .....	10
1.1 A realidade dos retirantes no sertão.....	10
1.2 Uma análise das vidas secas.....	12
1.3 A representação do espaço animalizador em Vidas secas.....	15
1.4 Deformidades das cores em Vidas secas.....	20
<b>CAPÍTULO II</b> .....	22
1 Linguagem, pobreza vocabular dos personagens.....	22
1.1 Visão do narrador e personagem.....	32
1.2 Veracidade das palavras através de provérbios.....	34
<b>CAPÍTULO III</b> .....	35
3 Opressão, exploração e injustiça social: A crítica e a denúncia.....	35
3.1 A representação da lei através do soldado amarelo.....	40
3.2 Submissão.....	42
3.3 Realidade social através dos personagens.....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

O romance “Vidas secas”, escrito em 1938, é narrado em terceira pessoa, é também o mais fundamentado em relação ao drama social que afeta a região nordestina. O romance se passa em um espaço, que é o sertão e relata a rotina de uma família de retirantes nordestinos em uma fuga, e um percurso cíclico da seca no Nordeste brasileiro, cujos protagonistas são ( Sinhá Vitória a mãe, Fabiano o pai, e as crianças denominados apenas Menino mais velho e Menino mais novo, e ainda um animal com destaque intensificado na obra, a cachorra Baleia.

Em uma saga, Fabiano, fixa-se como vaqueiro em uma fazenda abandonada, usufrui do pequeno tempo de estabilidade. Com o regresso da seca, a família continua seu percurso cíclico, a procura da sobrevivência. Para demonstrar essa definição do rústico Graciliano Ramos, primeiramente escreveu “Vidas secas” em capítulos separados, cujos episódios se integram em si, apesar de serem conteúdos distintos, o último refere-se ao primeiro, intitulados “Fuga” e “Mudança”.

Este trabalho, portanto se deu em proporção de todo o seu elevado nível literário. Composto das seguintes partes: introdução, desenvolvimento em três capítulos, conclusão e referências bibliográficas. Uma grandiosidade e representante da Literatura brasileira. Convém detalhar a análise dos fatos linguísticos explorados a partir dos personagens, a veracidade da seca no nordeste brasileiro, bem como os aspectos das questões sociais presente na obra. “Vidas secas” narra a composição de capítulos em forma de contos separados, que em sua união forma o romance.

Quanto a metodologia do trabalho trata-se de uma pesquisa totalmente bibliográfica, com exposição dos estudos concretizados, citações e exame estrutural do livro de Graciliano Ramos. A obra se expõe por meio de cada protagonista, as carências encontradas pela falta de água ou estiagem e exílio que os cercavam. Os capítulos mostram a rotina de uma família modesta e sem conhecimento. A persistência era contínua em relação a sobrevivência.

O romance abre ao leitor o mundo psicológico de um homem apagado, uma mulher e seus filhos, a cachorra, ambos atingidos pela seca e pela intolerância daqueles que detêm o poder: “O dono da fazenda”, e o “Soldado amarelo”.

Sob as abordagens levantadas no desenrolar da pesquisa o livro “Vidas secas”, comprova a veracidade da falta de comunicação, que contribui para a exploração agressiva contra os personagens, impedindo- os de expressarem seus pensamentos. A opção pela obra, para a análise literária sucedeu- se, devido a manifestação do interesse acerca da realidade da seca no Nordeste brasileiro, os aspectos linguísticos fenômeno que contribui para a injustiça social, e motivo pelo qual os personagens se submetem ao estilo de vida degradante.

## **CAPÍTULO I**

### **1.1 A realidade dos retirantes no sertão**

A obra de Graciliano Ramos, pode ser considerada uma referência para a Literatura Brasileira, visto que está explicitamente grafado nas linhas do livro, a crítica social, a pobreza no sertão nordestino. O próprio título da obra, se analisado minimamente, pode-se perceber pistas importantes do enigma que Graciliano Ramos quis repassar : “Vidas se opõe a secas”, pois vida tem sentido de essência, vitalidade, e seca tem sentido de falta, carência.

O romance “Vidas secas”, originalmente se chamaria “ O mundo coberto de penas, título denominado no penúltimo capítulo do livro, em referência as penas negras que encobre o chão seco. Contudo o próprio Graciliano Ramos deletou o título original e escreveu com suas próprias mãos, “Vidas secas”.

O tempo presente no romance se converge em uma abordagem com o presente e o futuro condicional, pois tudo para a família é fundamentado em hipóteses. Os protagonistas vivem em uma dificuldade constante e idealizam um futuro que não lhes oferece nenhum suporte de melhores condições de vida.

É um romance que não se concentra em uma personagem principal, pois a todos é dedicado um capítulo, inclusive ao animal, a cachorra Baleia, que pode ser considerada um ser integrante da família. “ Vidas secas” é um entrosamento da dor humana na tortura da paisagem, tendo em vista que começa com uma fuga e

termina com outra, fechando a ação num círculo. Primeiro vem a seca, depois a chuva e novamente retorna a seca, mas agora a seca com uma nova concepção.

Graciliano Ramos retratou o mundo sem simulações, e com um tom confessional, o apresentou pela arte. Assim “Vidas secas”, poder ser considerada como, um “ depoimento de uma grande percepção”. O narrador é “um ser investigador do personagem”, pois no seu íntimo, da voz as personagens, demonstrando o ser humano que reside naqueles corpos e castigados pela aspereza do sertão.

O romance relata o mundo reificado e a batalha do ser humano em busca da liberdade, revela a “vida seca” dos personagens e a devastação humana. Pode-se afirmar que o autor foi capaz de traduzir a realidade, o que faz dele um escritor distinto, às vezes difícil de ser compreendido, mas com grande nível de originalidade.

Livro publicado em 1938, narra a história de uma família de retirantes do sertão nordestino em fuga da seca e o vínculo do poder determinado pelo capitalismo brasileiro. O romance é produzido por capítulos visivelmente independentes, mas que se completam, relacionando-os, dando essência a obra. É compreendido por muitos críticos como um estudo do homem associado a natureza, ambos se enlaçam e organizam entre si uma poderosa ligação. Contudo Graciliano, não considerava sua obra prima algo muito aproveitável.

Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olympio me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra.( apud C. Ramos, 1979, p.125)

Narrado em terceira pessoa, o romance demonstra ao leitor a vida mutilada de Fabiano, o menino mais novo, Sinha Vitória, o menino mais velho a cachorra Baleia. Graciliano Ramos consegue expor ao leitor o interior dos personagens rústicos, que quase constantemente não se comunicam, contudo tentam compreender o mundo a sua maneira, a realidade de uma sociedade que se apoia por meios da exploração de uma classe inferior. A narrativa é habituada no sertão,

região visivelmente marcada pela falta da chuva, e que agregada ao descaso com o ser humano, modifica a natureza em ambiente áspero e agressivo.

Ao analisar “Vidas secas”, percebe-se não apenas a referência ao campo, ou a escassez, mas também aos acontecimentos do meio que separa a sociedade, portanto, “seco”, pode-se referir tanto ao clima quanto a atitude das pessoas. O romance é uma denúncia sobre a desumanidade que são acometidas contra os trabalhadores para sustentar uma sociedade que se mantém através da exploração. A família do retirante Fabiano leva a vida num percurso circular, a procura de dignidade e de dias mais vantajosos.

Esta experiência de Graciliano Ramos em unir o fim com o começo em uma forma circular, nada mais é do que uma estratégia de mostrar ao leitor a constante luta do homem socialmente oprimido, em continuar lutando por seus objetivos, quase sempre sem sucessos, sempre necessitando recomeçar. Esta busca progressiva sem destino certo, seria o “sonho compensador”, para suprir as necessidades do cotidiano. É o indivíduo em uma luta constante em manter essa capacidade de sonhar. Dito isto antecipa-se os devaneios de Sinha Vitória.

## **1.2 Uma análise das vidas secas**

Ao analisar esta personagem nota-se a sua degradação já no nome, pela ausência do acento no título “Sinha”. Verificando assim, que nem para Sinhá ela servia. Mesmo assim Sinha Vitória é o alicerce, é o ser pensante componente da família de retirantes. Responsável pela educação dos meninos e pelas finanças da família. Ela desempenha um papel fundamental, é quem estimula Fabiano a novas batalhas, e vitórias, e a lutar pelos seus direitos.

Se Fabiano deseja ter o dom da argumentação, a quem admira aqueles que tem o dom da palavra, Sinha Vitória almeja uma cama, idêntica a de seu Tomás da Bolandeira, pois não suportava mais dormir em uma cama de varas. Esse desejo é tão idealizado por Sinha Vitória que ela relaciona com uma cusparada que lança ao pátio da casa. Determinado assim um objetivo. Se a cusparada alcançar o pátio,

certamente a cama de couro de lastro seria conquistada. O desejo de Sinha Vitória está ligado a sua ansiedade íntima em fazer parte de um mundo que a extasiava “o social”. Dessa maneira julgava que deixaria de ser “bicho”, e seria tratada com a relevância que as outras pessoas tinham.

Quanto aos meninos filhos de Fabiano e Sinha Vitória, primeiramente diagnosticamos o menino mais novo, que como toda criança que ainda não iniciou a fase da puberdade, fase esta em que todas as crianças, muitas vezes rejeitam as raízes do país, em destaque o menino mais novo, vê em Fabiano um herói, um símbolo de força e habilidade, principalmente relacionado a maneira como trata os animais.

Em uma cena bem representativa, o menino mais novo tenta copiar o seu herói, imitando tudo, a maneira de caminhar, de se expressar até de montar. O menino aguarda o momento oportuno de iniciar sua tentativa, obter a segurança e a credibilidade do menino mais velho, e observar Baleia se lisonjear daquele experimento. Então ele acompanha o hábito, se prepara, seleciona o animal, o momento e começa a experiência.

Trepado na porteira do curral, o Menino mais novo torcia as mão suadas, estirava-se para ver as nuvens de poeira que toldava as imburanas. Ficou assim uma eternidade, cheio de alegria e medo, até que a égua voltou e começou a pular furiosamente no pátio, como se tivesse o diabo no corpo. (RAMOS. Graciliano 2010, p. 48)

Mas essa tentativa torna-se um pesadelo pois esse teste passa das boas expectativas a revolta, não conseguindo agradar nem o menino mais velho, e nem a cachorra Baleia por não se manter equilibrado em cima do animal, mesmo após a frustração o sonho de ser um “bicho reconhecido”, não se abala, tornar –se um vaqueiro com Fabiano. Todos esses episódios em que o menino mais novo admira os feitos de seu herói demonstra no que se determina sua perspectiva de vida : um dia ser vaqueiro como Fabiano.

Ao analisar a personagem do menino mais velho, percebe-se que ele não tem a noção do poder das palavras em seu uso, conhecimento e domínio. Ele fantasia e imagina inteligentemente, mas não possui essa inteligência para colocar esse conhecimento em prática. Em um episódio no livro quando questiona a mãe sobre a palavra “inferno”, recebe a resposta como um lugar desagradável. Mas

inquietava-se, pois para ele, o episódio só poderia ser comprovado pelos seus próprios olhos, não poderia acreditar que um nome tão bonito, fosse um lugar ruim. Ao querer obter uma resposta mais explícita de Sinha Vitória, acaba sendo castigado, ficando explícito a violência física como argumento de autoridade. Outra ressalva sobre este trecho, é que o menino aceitava receber os “cocorotes” da mãe, mas não para persuadí-lo de uma ideia, ou seja as autoridades podem até exercer poder sobre os indivíduos, mas não naquilo que eles acreditam.

Outro sonho que pode ser observado no menino mais velho, é a fuga da realidade que almejava conhecer, lugares de serras e montes distantes e impenetráveis, lugar este que teria veredas na paisagem árida.

Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na caatinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira – e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes do dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. (RAMOS, Graciliano 2010 pg. 58)

No caso do menino mais novo, ele vê em Fabiano um espelho cujo reflexo é de uma imagem de grandes proporções. Esse processo é semelhante no pensamento o menino mais velho, ao fantasiar lugares longínquos e altos. Na natureza psíquica do menino mais velho, é natural esse processo de idealização do espaço, dos objetos e pessoas. O menino mais novo idealiza o pai, tendo-o com lisonjeios desmedidos, em vez do medo, a imagem do pai causa-lhe um verdadeiro contentamento.

O livro “Vidas secas”, é marcado por uma fusão entre seres humanos e animais. Os seres humanos se destacam de uma forma áspera e rude, vítimas da natureza castigada, absorvendo assim a humanidade daqueles seres, obrigando –os a viver em constante luta por uma melhor qualidade de vida. No decorrer dos capítulos do livro é nítida, a comparação entre retirantes nordestinos e os animais. No capítulo denominado “Fabiano” há claramente essa semelhança entre o personagem, os tatus e as rezes, ele próprio se reconhece e se afirma como um bicho.

O sofrimento ocasionado pela seca, é que torna o retirante “homem- bicho”, que não se comunica, nem se renuncia em continuar vivendo, contudo se enfraquece como ser humano.

Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdado como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. – um homem, Fabiano. Coçou o queixo cabeludo, parou reacendeu o cigarro. Não provavelmente não seria homem. Seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. (RAMOS Graciliano 2010. p. 24)

Ao fazer essa afirmação, fica a veracidade de que Fabiano se sente vergonhoso de considerar ou querer ser homem. Apesar de ter se tornado um vaqueiro, essa condição não altera em nada a de um animal, pois essa categoria é apenas ilusória e passageira.

O não conhecer de Fabiano, apresenta-se também na dificuldade de argumentar, caracterizando assim como um fato animalizador. O romance é carregado dessas afirmações de gravidade da linguagem. Fabiano, é um personagem a qual pode- se encontrar em elevação esse determinado bloqueio, pois sua comunicação se baseia em sons guturais, voz cantada e monossilábica, seu vocabulário não passavam apenas de murmúrios, deixando evidente a indigência verbal.

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos. – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS Graciliano 2010.p, 20).

Essas dificuldades desmedidas que Fabiano depara ao argumentar e pronunciar decorre das complexas relações sociais que são encontradas na performance da obra. Conformado e isento dos seus direitos, Fabiano não se faz compreender e enxerga suas esperanças fracassados e decepcionado.

Os meninos herdarão do pai na mesma proporção a dificuldade de expressão e se desenvolverão seres rudes, efeito do espaço desumano. Fabiano admirava as palavras compridas e difíceis, até tentava reproduzi-las, mas era em vão, ficava repreensivo quando as crianças lhe questionavam algo, e se justificava dizendo que os meninos eram curiosos e enxeridos. A linguagem em “Vidas secas”, é seca e

direta como o ambiente do sertão nordestino. Se dava bem com ignorância, motivo esse de ser comparado a animais na obra.

Contudo a linguagem deixa de ser prioridade para Fabiano e sua família, esse domínio se torna algo distante da realidade de um sertanejo nordestino. O personagem do romance era vítima do próprio homem, que auto beneficiava do outro, por não ter argumentos para se defender de qualquer acusação. Sendo assim os personagens são seres moldados pelo sertão, um sertão tão sofrido capaz de aproximar seres humanos a animais.

### **1.3 A representação do espaço animalizador em Vidas secas**

Nesse sentido que Graciliano Ramos dispõe a realidade, o nordeste sem retoques, pois o paraíso agreste para ele não existe. Esta região não é o fantástico do mundo, é a infinita miséria dos homens. Graciliano destina para o campo sertanejo, pedregoso e carregado pelos redemoinhos, a área mais castigada e obscura, o nordeste brasileiro, pois comumente descreve o que conhece.

O que me interessa é o homem, e homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece em literatura. Os romancistas do nordeste têm pintado geralmente o homem do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo e José Lins. Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e da injustiça humana. Por pouco que o selvagem pense – e os meus personagens são quase selvagens – o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer; pesquisa que os escritores regionalistas não fazem nem mesmo podem fazer, porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem.(apud, C. Ramos, 1979, p. 125)

Vidas secas transmite essa longevidade de fatores, que é a vivência dos personagens e os limites naturais e sociais do gênero humano num estágio primitivo das forças produtivas. E para reforçar essa ideia o autor, dá sentimentos humanos a um ser animal, para explicitar até onde pode chegar a degradação de um sertanejo nordestino.

Dito isto, passamos para uma análise da cachorra Baleia, assim detalhada por seu criador em carta a sua esposa, onde explica a dificuldade de estudar o interior de Baleia.

Escrevi um conto sobre a morte de uma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma de uma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro?. É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro. Quando se trata de bípedes nem por isso, embora certos bípedes sejam ocos; mas estudar o interior de uma cachorra é realmente uma dificuldade quase tão grande como sondar o espírito de um literato alagoano. (apud C. Ramos, 1979,p. 124).

A princípio é bastante comum e natural os cães receberem nomes de peixes no sertão, para prevenir ao que era chamado “ o mal da água”. Em “Vidas secas”, o nome da cachorra é Baleia. Ao contrário de seus donos, ela é o único ser do grupo com sentimentos, assumindo assim o papel de humano. Dessa forma Graciliano Ramos, acaba humanizando o animal e animalizando as pessoas. Baleia com sentimentos, parece guiar os retirantes rumo a um destino mais acolhedor, enquanto os meninos nem mesmo nome possuem, são caracterizados apenas como menino mais velho e menino mais novo. O autor busca mostrar a degradação da vida de um sertanejo nordestino.

O narrador atribui uma sequência de detalhes ao descrever Baleia, associando a ela nomes que não são comuns quando se trata de animal. Durante o romance o autor de Vidas Secas, atribui características humanas ao animal, deixando explícito esse caráter personificado.

Defronte do carro de bois faltou- lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder- se debaixo do carro, mas teve medo da roda. (RAMOS. Graciliano 2010, p. 88)

Essa sequência no decorrer dos fatos do romance faz referência ao destaque do animal, encontrando assim em um nível mais superior que os retirantes. É Baleia que apresenta as sensações humanas. Já aos demais protagonistas competem a luta pela sobrevivência da seca no sertão.

Fabiano, é apresentado como animal, afinal o próprio protagonista se reconhece como bicho, suas falas são processadas através de grunhidos, se tornando claros reflexos de animalização. Já Baleia é totalmente o avesso de seus

donos. São atribuídos a ela a capacidade de cognição: acreditar, perceber, admitir, franzir, entre outras inúmeras qualidades.

Essas características da cachorra são encontradas no capítulo intitulado “Baleia”. Ela é capaz de sentir, dor, tristeza, alegria. Para explicitar essa percepção de personificação do animal, é dado a ela a etapa mais trágica do romance, o instante da morte. Momento em que tem suas vontades e desconfianças, obrigações.

Em contrapartida, Fabiano, não se dialogava com outros seres humanos, apresentava dificuldades, era incapaz de transmitir racionalidade ou afeto, um ser rude e seco, assim como a natureza do sertão. A ele e sua família cabia apenas a função de sertanejos em uma caminhada incessante no árido ambiente nordestino, que vivem como animais, que batalham contra o poder da natureza, a procura da sobrevivência e a fuga da seca nordestina brasileira, e que vivenciam a miséria diariamente na pele.

Assim sendo, no contexto de “Vidas secas” encontra-se, um processo de animalização do ser humano (zoomorfização) e um processo de humanização animal (antropomorfização). Devido a falta de expectativa de vida dos personagens, a busca constante da fuga, da miséria, a procura de estabilidade, é que acabam se submetendo a trabalhos indignos. A família apresentada no romance representa o papel de outros seres humanos que tem sido reduzidos pela agressividade da seca, e pela injustiça social.

O romance descreve explicitamente as batalhas de tantos outros nordestinos, não apenas contra a hostilidade da natureza, mas a luta contra a sustentação social que se apoia através do artifício econômico e político. Assim o ser humano em “Vidas secas”, é reduzido a um ser animal, e o espaço que possibilita tal condição, é o sertão, que dentro da obra, é como se fosse um personagem. Este é detalhado como paisagem seca e silenciosa. O ser mísero dos protagonistas é decorrente das circunstâncias em que vivem, o espaço é o que determina essas consequências.

Fabiano e sua família se arrastam pelo sertão, em busca da sobrevivência, rastejam a procura de uma situação mínima de vida. Há outro ângulo relevante, o

meio social em que se encontram os sertanejos nordestinos, a carência de recursos básicos, e a exploração impetuosa por aqueles que tem recursos. Sendo este último representados pelos personagens do Soldado amarelo e o Proprietário da fazenda.

Quanto a linguagem, é seca adequada ao sertão, pois os personagens não conseguem elaborar frases coerentes e coesas. São rudes vítimas do clima seco qualificado pela seca, que suga a humanidade dos retirantes, como se fossem camaleões que se adaptam a natureza árida. Sendo assim os sertanejos serão sempre vítimas da fuga e da mudança, são totalmente dependentes da retirada a procura de um teto, de alimento, pois o sertão não lhes oferece nenhuma qualidade de vida. A situação em que vivem esses retirantes nordestinos, fecha a ação num círculo, como a idêntica relação nos capítulos intitulados “ Mudança” e “Fuga” , onde o fim se reencontra com o início, concluindo assim um retorno perpétuo. Como se os personagens fossem esmagados pela terra, nela vivendo, se retirando, voltando e se movimentando.

Na opinião de Antônio Cândido sobre o enredo de “Vidas secas”.

Este encontro do fim com o começo [...] forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados- retirantes, mostrando que a poderosa visão de Graciliano Ramos neste livro depende [...] do fato de ele ter feito “romance regionalista” ou “romance proletário”. Mas do fato de ter sabido criar em todos os níveis, desde o pormenor do discurso até o desenho geral da composição os modos literários de mostrar a visão dramática de um mundo opressivo. (op. Cit. Pgs.107 e 108)

Dessa forma que Graciliano Ramos da maneira mais fiel demonstrou o mais autêntico cenário do sertão sem contornos nem retoques, um equilíbrio entre os seres, (homem ou bicho), fome humilhação, paisagem árida, há uma relação entre ambos como se fossem uma coisa só. A amargura e a tortura do homem animalizado pelo meio e castigado pela seca.

A essência do romance gira em torno da retirada da aridez do sertão, “gira”, pois claramente a narração é circular, iniciando um caminhar com destino a uma água, sombra, alimento, terminando sempre no mesmo ponto. Esse movimento de circularidade conduz a revelação da condição do retirante, que tem sua vida determinada pelo ciclo da seca – o dramático social do peregrinar dos seres habitantes do Nordeste brasileiro.

A mudança, cujo nome intitula o primeiro capítulo revela uma ironia, onde a família de Fabiano se arrastam em um ambiente do sertão brasileiro, sem propriamente mudar para nenhum lugar ou “mudar” simplesmente nada. A seca os acompanha agarrada aos personagens como “espinhos nos mandacarus”, que denunciam a situação social dos habitantes nordestinos do século XX.

O discurso indireto livre utilizado pelo autor ( é a técnica em que o narrador usa para dar voz aos personagens, indiretamente. Assim Sr. Graciliano utiliza desse recurso para dar humanidade aqueles pequenos seres, que encaram barreiras em se pronunciar verbalmente.

É essa técnica oferecida ao sertanejo oprimido em “Vidas secas” que torna possível ao leitor- se conscientizar sobre o drama entre homem e natureza, entre o homem “rude” e o homem “cortês”, entre o sertão e a civilização, entre o mundo do letrado e o mundo do não erudito, entre os que têm o domínio, e os vivem em dependência dele.

Romance escrito e registrado de um filho originalmente do agreste, esta obra se instaura no instante em que a Literatura Brasileira dava os primeiros passos a estimar o homem comum, os hábitos regionalistas, os costumes, e a explanação dos graves problemas sociais. A realidade descrita no romance ultrapassa os fatores decorrentes da seca, e a obra divulga- se como crítica a economia e as condições de trabalho que fluíam no sertão, que o autor tão bem conhecia.

Se encontra verdade na declaração de Álvaro Lins, no posfácio de “Vidas secas” em sua 40ª edição, de que “ Existem homens que explicam as suas obras, como há obras que explicam seus autores. Em Sr. Graciliano Ramos, “é a obra que interpreta o homem”. Muito pode se concluir do que se conscientizava o produtor sobre a economia, o governo, o coronelismo e a sociedade hierarquizada, que imperavam soberanos no sertão brasileiro em seu período.

A obra prima, é divergente de outras composições do Mestre Graça, pois neste livro o autor, não elaborou somente personagem protagonista para demonstrar o sertanejo a humanidade, e sim uma família e sua cachorra, e o precioso do romance, é notar que cada um dos personagens, a seu modo, retratam o reflexo do

homem sertanejo, homem em todas as suas manifestações, seja uma criança, uma mulher, ou uma cachorra como animal de estimação, o produtor apresenta ao mundo a realidade crua do sertão.

Pode-se crê que o romance é um relato que acredita em saída mesmo sem conhecer que saída será essa. Não existe exatamente um fim no romance, e sim um começo para que a vida daquela família encontre um destino. Como não prevê uma resposta decisiva para os obstáculos que os personagens do Nordeste vivem, o livro é um romance que abrange mais perguntas do que respostas.

Acredita-se que seja inverossímil pensar em pessimismo após ler a obra. O que se encontra mesmo é o desejo de locomoção que sempre trás novas possibilidades para a vida, mas a preocupação entre o concreto e o possível em “Vidas secas”, ainda é um aspecto que requer maiores meditações.

O autor reprovava a fragilidade dos romances brasileiros e optou por atribuí-las a uma falha dos romancistas, e não somente a uma mazela de natureza objetiva. Haveria nos romances um defeito quanto as especificidades da vida real. Apontavam, ora o trabalhador, ora o capitalismo, sem notar as ligações entre as duas classes. Esta lacuna estaria ligada ao “fator econômico”, ao sistema produtivo.

#### **1.4 Deformidades das cores em “ Vidas secas”**

O que vale muito ressaltar no romance é a questão das “cores”, que aqui o colorido ganha novos ares, em mostrar como estão deformadas na obra de Graciliano Ramos. Sendo que a mais presente, é o amarelo: no Soldado amarelo, na terra, nas folhas secas da vegetação e sobretudo, no sol. Não há uma riqueza comparada igual a do Hino Nacional Brasileiro, “sol da liberdade em raios fúlgidos”. Este amarelo presente no sertão é inanimado, a luz do sol seca os rios, racha o chão, e seguram os sertanejos naquele espaço. O Soldado amarelo, imagem do estado, menospreza Fabiano. O sol abrasa a terra e impossibilita a vida juntamente com a carência de água. O brilho e a riqueza que sempre foram retratados pela tonalidade, removem a situação humana dos viventes.

Passamos a análise de outra cor, o verde das florestas, cujo tom era tão adjetivado por “Caminha”, não passam apenas de pequenas manchas ressaltadas no ambiente do sertão, mesmo quando pode ser algo agradável, não se efetiva. O amarelo da paisagem seca e da luz do sol, consome toda a vitalidade do verde, fazendo-o entrar em extinção no sertão.

“A caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E caatinga ficaria toda verde.”( RAMOS, Graciliano 2010, p. 15)

O branco que representa a paz é posto no romance como sinal de morte, o chão “salpicado de manchas brancas eram ossadas”. (RAMOS, Graciliano 1997,p. 10). A cor que é sinônimo de pureza se apresenta como a ação da natureza sobre os sobreviventes. A cor azul também vale de análise, basta observar o momento em que Fabiano e Sinhá Vitória olham para o céu, “ temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente”. (RAMOS, Graciliano 2010, p. 14). O azul agora é horrível, em oposto do céu “risonho, límpido e profundo”, do Hino. No livro ele tem significado de ausência de chuva, aterrorizando Sinhá Vitória e Fabiano, fazendo os temer sobre a incerteza mais imensa do futuro.

Os animais que podem ser observados na obra, grande parte são aves de rapina como as arriboções e os urubus, cujos animais se tratam de caçadores e que em busca da sobrevivência necessitam matar. A vida desses animais é dependente da morte de outros, quando não carregam consigo a miséria, basta que se observe quando essas aves chegam ao nordeste seco, matando o gado, consumindo a água, e ameaçando investir nos pobres retirantes em jornada. Essa ameaça é temida por Fabiano, quando percebe a destruição se aproximar no céu, “ de repente um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens o medonho rumor das asas a anunciar destruição”.( RAMOS, Graciliano, 2010, p. 113, 114).

No romance as cores energéticas não perdem significado em meio ao ambiente seco, essas tonalidades apenas ganham novos entendimentos dispostas em liberdade de criação pelo “Mestre Graça”. A relevância de se dar ênfase nas cores, não está na grandeza que epicamente se deu a cada tom, a atividade

comparativa objetiva- se, a questionar sobre essas metáforas nacionais. É com essa “abertura” que abordaremos as discussões em “Vidas secas”, sobre a nação, e quem sabe, debater marcas de uma crueldade da natureza brasileira na narrativa de senhor Graciliano. Exceto os significados que as cores podem transmitir, melhor ainda é a própria representação para percebermos mais profundamente, visualmente, o que as palavras não conversam em “Vidas secas”.

Dessa forma que Graciliano demonstrou o retrato mais fiel do sertão sem contornos, da tortura do homem animalizado pelo espaço determinista, o Nordeste. O autor fez um perfeita composição dos elementos que compõem as vidas secas, homem, terra, bicho, miséria, sem início, meio e fim. O autêntico relato de um testemunho sobre seca nordestina brasileira.

## **CAPÍTULO II**

### **2. Linguagem, pobreza vocabular dos personagens.**

A linguagem é o que caracteriza o ser humano como ser pensante e autônomo, e é através dela que nos comunicamos e somos entendidos, o que faz a típica do ser humano. A linguagem é a característica que nos difere de outros seres. Ela nasce com o homem e vai desenvolvendo ao longo do tempo, e nessa caminhada ela pode ser modificada de acordo com o ambiente ou pessoas em que o mesmo fica exposto.

“Vidas Secas” é um ícone da literatura brasileira para comprovar essa tese. Nela percebemos que os personagens se comunicam através de uma linguagem simples e muitas vezes incoerentes, dando a ideia de que o sertão molda a linguagem dos personagens.

Todo o romance é narrado em terceira pessoa, e o narrador algumas vezes se coloca no lugar dos protagonistas para discorrer a narrativa, o personagem fica em segundo plano com discursos curtos e pequenas frases. Isso nos leva a crer na incapacidade do personagem Fabiano a concluir uma ideia, se defender de algumas situações, e em expor seus argumentos. Quando ele tenta entreter a família com alguma história, não consegue se expressar, torna-se incompreensível.

Além de ser o protagonista que mais sofre na trama por falta de argumentos e conseqüentemente da linguagem. Primeiramente sendo ele o progenitor, não sabe palavras de esperanças para confortar a família na dura caminhada pelo sertão. E muitas vezes o silêncio existente entre o grupo ao longo da retirada seja o confronto de imaginação, eles se tornam seres mudos diante de tanto sofrimento e da caminhada sem destino certo. Assim frente a essa realidade do sertão eles se veem na necessidade somente de ouvir seus próprios pensamentos, às vezes o único som que é ouvido entre aquele pobre grupo de retirantes, é o “Chape Chape” das alpercatas de Fabiano no solo seco e rachado.

A linguagem passa a ser um problema a mais para os retirantes, um problema que une ao outro, a incapacidade de se expressar pelo sofrimento vivido e a dificuldade na comunicação.

A tentativa de expressão de linguagem acontece arbitrariamente quando os retirantes veem a nuvem que nasce acima do monte anunciando a estiagem. Nesse momento Fabiano sente vontade até de cantar e a sua expressão passa a ser de felicidade, é a primeira passagem na obra em que há afeto entre Fabiano e Sinhá Vitória, eles se abraçam por alguns instantes compartilhando a alegria momentânea.

Com o decorrer da trama Fabiano se torna refém de um homem corrupto que aproveita da sua falta de instrução. Ele se cala por se preocupar com a família, porque a fazenda era o único lugar que eles poderiam habitar no momento, e sua condição de retirante e vaqueiro o faz inferior ao patrão, ficando sujeito as suas ordens e corrupções.

Além da necessidade, Fabiano se torna refém por falta de argumentos para confrontar o patrão, ele sabia que estava certo, pois as contas do dono da fazenda eram confusas e altas, fazendo do agregado um inquilino e ainda devedor. Fabiano acaba aceitando as condições, mesmo sabendo que estava correto, não-o confrontou por falta de argumentos devido a incapacidade de organização das palavras para se expor verbalmente.

Fabiano é retirante bruto, duro como o sertão, um ser passivo devido à linguagem escassa que possui. Ele e a família são rudes e ignorantes aos olhos da

sociedade. Além da seca essa pobreza vocabular acaba sendo mais um problema nessas “Vidas Secas”. Na obra nota-se que a linguagem verbal não faz parte do cotidiano dos retirantes, eles eram colocados nas condições de oprimidos e marginalizados pelos outros personagens que se sentiam superior. O soldado amarelo, por exemplo, que prendera injustamente Fabiano utilizando de abuso de poder, ele aproveitara da situação vendo que Fabiano era quase incomunicável. O retirante foi humilhado e espancado vítima de um homem que o deveria defender da sociedade, não colocá-lo abaixo do ser humano.

O protagonista tem um vocabulário reduzido que o mesmo para se tornar compreensível complementa sua fala com gestos, isso o afasta da sociedade se fazendo indiferente ao ponto dele mesmo achar que é mais próximo aos animais do que ao próprio homem, ele se julga como um bicho: “você é um bicho Fabiano”(Ramos, 1992 p.18). E em outros momentos une gestos e palavras:

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma historia bastante confusa, mas como só estavam iluminados as alpercatas dele o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande (Ramos 1992 p.24)

Pronunciava palavras sem significação e suas falas se aproximam aos grunhidos de animais, e essas falas são reflexos de animalização. Em “Vidas Secas” linguagem e seca se fundem, pois encontra-se na fala dos personagens a escassez, e esse contraste da linguagem com o ambiente mostra como os personagens são marcados e reduzidos, personagens silenciosos que substituem a linguagem verbal pela linguagem gutural e monossilábica, e essa ausência de comunicação é decorrente das relações entre os viventes da obra e suas ações.

A falta de diálogo e domínio verbal aumenta o desamparo e exclusão dessa família de retirantes que se cala diante de uma sociedade hostil e corrupta. Essa dificuldade com a linguagem é fruto dos fatores extremos que atingem a família de Fabiano e conseqüentemente os levam a exclusão social. Ele tem consciência da sua pouca habilidade com a fala, e às vezes não se sente confortável com isso, e se pudesse adquiria o dom da linguagem, sente a necessidade de ter bons argumentos. Há momentos na narrativa em que o protagonista mostra certa

admiração a um dos personagens secundários “Tomás da Bolandeira” vê nele um instrumento de comunicação.

Fabiano desconhecia as palavras e consideravam algumas perigosas, essa carência de vocabulário está relacionada ao desconhecimento da realidade. A aquisição da linguagem é o que mudaria o status dele de animal e o tornaria homem. Assim ele saberia lidar com a sociedade, se defender e não mais ser explorado.

A linguagem se torna uma inimiga tanto quanto a seca do nordeste, pois ela é o que determina a compreensão de mundo e passa a ser um desafio para os protagonistas.

Outra personagem que vive em situações precárias de linguagem é Sinhá Vitória, em todo o romance ela mostra seu desejo de ter uma cama de couro como a de seu Tomás da Bolandeira. Ela é uma mulher forte apesar de viver no sertão, e superior intelectualmente aos outros membros do grupo, é a tomadora de decisões. Em “Vidas Secas” percebe-se a importância da mulher na família, mas apesar de seu papel intelectual e decisório, estas características benéficas à mulher daquela época são insuficientes e mesmo assim leva a família a sofrer inúmeras injustiças.

O diálogo entre Fabiano e Sinhá Vitória são construídos com frases curtas, mostra certo distanciamento entre ambos, cada um tem a sua vida particular, acentuando assim a solidão em que o grupo vive. E os raros diálogos que aparecem entre eles são exclamações, ou algum tipo de pensamento incoerente que escapa das suas bocas.

Apesar do silêncio que reinava entre os retirantes, Sinhá Vitória vivia cheia de ideias de esperança, a incomunicabilidade da família aliviaria a fome. O silêncio para ela era uma forma de evadir daquele sertão através de pensamentos, a sua capacidade de sonhar permiti-a entrar em outros momentos do passado. Ela recorre à imaginação buscando dias melhores que já teria vivido, ou seja, essa própria realidade do sertão é que a faz sonhar.

Sinhá Vitória não se sentia plantada no sertão, para ela a qualquer momento a vida mudaria, imaginava outro destino aos filhos, como escolas e outras

oportunidades que não foram dadas a ela e ao Fabiano. Em primeiro plano essa capacidade intelectual da esposa é benéfica ao grupo, pois em partes auxilia o marido nas questões financeiras. Mas não é totalmente auxiliadora, as situações que vivem não dependem só dela, porque há pessoas que se sentem superiores e suas condições de retirantes não os fazem racionais, e o ser que esta do outro lado continua com a razão.

Apesar da pouca instrução de Sinha Vitória, percebe-se que a mesma possui uma noção da realidade, ela sabe medir racionalmente a condição da família, que o seu destino de possuir uma cama de couro esta bem distante ou talvez impossível da sua realidade. O seu papel na obra muitas vezes passa da esfera doméstica.

Essa capacidade reflexiva e crítica da realidade possibilitava a ela perceber as relações de poder, e acreditava em um futuro mas digno para a família a ponto de influenciar e auxiliar nas decisões do marido. Fabiano mostra em toda a obra a sua confiança pela esposa, pois era dela que saía as palavras de maior valor, suas ideias traziam esperança ao grupo, tornando mais próximas as possibilidades de melhora e adaptação.

Comprovamos o fato de ela ser superior ao marido quando a mesma tenta explicar a ele que a estiagem estava próxima. O discurso como ela fala confunde Fabiano, que de inicio não compreende, dizendo que as aves levariam a água. Essa superioridade da esposa para Fabiano não era motivo de discórdia e sim de contentamento, pois, saberia ele que poderia contar sempre com a inteligência e orientação da mulher.

Sinha Vitória apesar de ter essa superioridade intelectual faltava-lhe o conhecimento e armas para lutar contra a sociedade. Porque essa capacidade de sonhar e de fortalecer o grupo não os defende da opressão e da injustiça. Para isso ela teria que dominar a linguagem, saber se defender de tais situações.

Os personagens retirantes que vivem no sertão, apesar do sofrimento que passam conhecem o sertão, as lutas que devem ser travadas para garantirem a sobrevivência, e as armas que devem ser usadas para suportar a amargura de viver nesse ambiente castigador. Mas quanto à linguagem eles se tornam reféns e

impotentes. Diante do poder do capital e de autoridades faltam-lhes conhecimentos e armas.

Com o pouco vocabulário que os protagonistas possuem, é impossível passar algum conhecimento aos filhos que não tem nomes, chamados apenas como menino mais novo e menino mais velho. Eles não conhecem a escola, e sua linguagem é tão reduzida quanto a dos pais. Em “Vidas Secas” as crianças muitas vezes eram ignoradas pelos pais, simplesmente porque não tinham conhecimentos suficientes para dar respostas as curiosidades dos filhos.

A interação entre pais e filhos era mínima, assim como um diálogo contínuo, quando este ocorria se dava por gestos, sons, onomatopeias e resmungos. Comprovamos essa ideia em alguns trechos na narrativa onde o menino mais velho repetia sílabas, imitava animais e sons da natureza. Em outra cena percebe-se a dificuldade das crianças compreender o pai, e para isso teria que ver o rosto de Fabiano, a sua expressão, porque pelas palavras era impossível compreendê-lo.

O conhecimento dos pequenos era tão reduzido, que um deles admira um vocábulo desconhecido a palavra “inferno”. E a partir dessa admiração surge a curiosidade de saber o significado da palavra e recorre à mãe para adquirir a resposta. Não satisfeito com a explicação de Sinha Vitória exige mais detalhes e é recebido por um “cocorote”, pois ela se viu diante de um problema, não tinha mais palavras para explicar ao filho. Assim a violência era exercida pela mãe como finalidade de calar e conformar o filho com a resposta.

As crianças na narrativa apesar da pouca habilidade com a fala possuem curiosidades a respeito do mundo, mas a pobreza vocabular dos pais e suas condições de pequenos e já retirantes, não os possibilitam frequentar escolas ou adquirir conhecimentos através de Fabiano e Sinha Vitória, já que os mesmos não possuem nem para si próprios. Eles são, portanto sujeitos vitimados pelo meio em que vivem.

Graciliano Ramos recorre ao discurso indireto livre porque não há marcas onde separa a fala do narrador para o personagem, assim ele transmite o que tem na mente dos protagonistas, e essa heterogeneidade é o que dá importância à obra,

porque da forma a diferentes diálogos. Esses diálogos são reduzidos para mostrar claramente ao leitor o quanto a linguagem na narrativa é escassa.

O autor dessa magnífica obra é atento aos detalhes, quanto à estrutura da narrativa, e na elaboração dos personagens, é um romance ficcional e real mostrando desde o regionalismo nordestino a literariedade da linguagem. Ele consegue em “Vidas Secas” uma estética inigualável para descrever toda a secura que resume a vida de um retirante.

É um livro que nos leva a entender que no sertão há muitos “fabianos”, e muitas famílias com as mesmas características, porque a veracidade representada é uma realidade, tanto da sua vivencia no sertão como a incomunicabilidade. Há uma perfeita adequação aos elementos que caracterizam uma vida seca.

A estrutura produzida como romance desmontável, isola os capítulos sendo legível em qualquer sequencia, esses capítulos a títulos de contos se transforma em romance. O primeiro capítulo escrito por Graciliano Ramos foi “Baleia” em 04-05-1937, sendo o ultimo “fuga” em 06-10-1932. E eles se restringem as limitações dos seus capítulos perfeitamente elaborados, para relatar a história da parte mais carente do sertão brasileiro.

Os transtornos e problemas dos retirantes vão muito além da seca que estão atrelados a seu destino. A incapacidade de agir socialmente transforma as suas vidas isoladas apenas a aqueles que fazem parte da família, e que individualmente insiste em viver nesse anonimato, não por vontade própria, mas porque a sociedade os fazem invisíveis, e as suas condições não permitem dar prioridade a escolaridade.

Uma vez que os retirantes do sertão lutam por elementos básicos para a sua sobrevivência. O básico para eles é o mínimo, e corresponde a uma moradia fixa, mesmo que não seja propriedade deles, comida que muitas das vezes o alimento disponível e próximo da sua realidade é farinha, carne seca e água minguada, o seu desejo maior não é vocabulário e boa instrução, claro que ter esses dons os auxiliariam na vivencia, mas o desejo necessitado por sobrevivência fala mais alto.

Fabiano nem mesmo conhece a sua idade, a partir desse fato extremamente inusitado, percebe-se que nem o tempo vivido está mais ligado à marca de preocupação, o desejo agora é saber quando a chuva vem, quando ela vai e para onde eles iriam após ela. O sonho de Fabiano é habitar-se em um lugar com a família onde não há perigo de passar de novo a sede e a fome, porque as vidas secas secam-se a cada momento, por falta de recursos naturais e sociais.

Esse mundo de pobreza, desumanidade, exploração, desrespeito total a pessoa humana e incomunicabilidade cria a pobreza das construções sintáticas, essa pouca variação da sintaxe e a linguagem minguada dos personagens, é o que transforma o universo deles em degradantes. Há um excesso de pausas na enunciação e repetições de padrões frasais. Alguns sons e palavras reproduzidas em “Vidas secas” possuem significados fortes, e deixam claro como a realidade de um retirante que não tem voz o exclui da sociedade.

Esse reflexo da deficiência de comunicação passa de pai para filho, afastando ainda mais um do outro. Conseqüentemente além da seca a linguagem passa a ser um problema para ambos, porque a linguagem é o que nos faz humanos, e é um poderoso instrumento para estabelecer relações com o meio social, garantindo assim a expressão de pensamentos e sentimentos.

Graciliano Ramos utiliza basicamente o discurso indireto livre, para dar qualidade e ajudar a representar de forma verossímil as palavras e discursos de seres rústicos como a família de retirantes na narrativa. Esses elementos monossilábicos que compõem a linguagem dos personagens são o que dão intensidade emocional e afetiva a diferença vocabular de ambos. Apesar dos personagens possuírem essa pobreza vocabular, o autor dá voz a esses indivíduos que tem pouco contato com o mundo da linguagem. Isso porque o discurso indireto livre como Mattoso Câmara afirma:

Conserva os traços afetivos, mas não impõe ao leitor a noção de que o personagem pensou em frases definidas e nítidas, pois as frases apresentadas são do autor, tendo apenas a coloração afetiva da personagem (MATTOSO CAMARA, 1977. 39)

Deve-se destacar também que o discurso indireto livre conserva exclamações, onomatopeias, interrogações e lacunas na fala dos personagens. E

esse efeito é muito importante em *Vidas Secas*, pois reproduz de maneira fiel a linguagem dos retirantes.

Há também fragmentos no discurso direto que constituem partes mínimas em “*Vidas Secas*”. Através de uma leitura mais superficial acredita-se que o emprego do discurso direto, se justifica apenas pela dificuldade de expressar dos personagens que são rudes e ignorantes. É um exemplo de trecho de incomunicabilidade:

vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural(...) (Ramos. *Graciliano* 1937 p.55)

Apesar dessa dificuldade os retirantes pensam, monologam, são capazes de comunicar mesmo com o seu jeito único, e até chegam a filosofar em alguns momentos, o que para Graciliano Ramos seria um apuro de técnica para representar a linguagem de um nordestino, principalmente no que diz respeito a essas manifestações interiores, fatos que contribuíram para mostrar o submundo nordestino, com falas minimamente reduzidas para conseguir esse aspecto de incomunicabilidade, porém para outros autores essa técnica usada por ele, houve um aspecto negativo, o que levou o crítico Álvaro Lins a encontrar defeitos em *Vidas Secas*.

o outro defeito é o excesso de introspecção em personagens... estando constituída quase toda a novela de monólogos interiores. A inverossimilhança neste caso, não provém da substância da novela mas da técnica. Se houvesse maior proporção entre episódios e monólogos, entre a vida exterior e a interior dos personagens, este problema da ficção teria sido resolvida de maneira perfeita... o romancista caiu numa inverossimilhança quanto a técnica de disposição dos monólogos, mas salvou dessa falha no que diz respeito ao conteúdo deles.(Lins Álvaro pg.70)

Mas ao contrário do que Álvaro Lins diz, esse apuro de linguagem interior explícita por Graciliano Ramos, diz respeito ao pensamento dos personagens, o seu pensar muito e falar pouco tem a sua razão, de retratar como é a vida de um retirante. Os personagens são receosos quanto a comunicação verbal, Fabiano, por exemplo, arrisca a falar em público só em momentos de maluqueira ou quando esta bêbado.

Graciliano Ramos aparece como mestre de registro de fala, o diálogo muitas vezes é evitado porque se constitui de ameaças aos personagens. Em “Vidas Secas” setenta e nove falas são introduzidas por travessão, sendo que dezesseis são apenas interjeições, dez interrogações e oito dessas não são obtidas respostas, e quatro delas são orações sem sentido. Vale ressaltar ainda que muitas dessas falas são reiterações como a interjeição “an” falada oito vezes isoladamente.

E nem sempre as falas na narrativa são produzidas em voz alta, os personagens dão asas a imaginação com frases soltas sem nenhum significado. O conhecimento de mundo do Fabiano é mínimo que ele acaba por definir uma coisa por ela mesmo. “\_ Fabiano você é um homem...”(Ramos 1937,p.53) “\_Festa é festa.”(Ramos 1937,p.118) “\_Governo é governo.”(Ramos 1937,p.152).

Também no idioleto dos personagens variam-se formas de tratamento, quando o mesmo substitui você por “vossemecê” ou “vossa mercê” como forma de tratamento respeitoso.

O maior e mais significativo mérito de Graciliano Ramos ao escrever essa obra foi representar de forma fiel o homem rústico do sertão, que mesmo com toda carência vocabular o seu pensamento não é falho de sentido e é bastante significativo. Percebe-se que além de abordar a vida dos retirantes, o autor aborda a consciência que eles têm da situação de miséria e de dominação em que vivem. A partir dessa concepção a obra é escrita basicamente por monólogos interiores dos personagens. O próprio autor deixa claro o tipo de linguagem apresentada:

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não haviam meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados tentavam remediar a deficiência falando alto (Ramos, Graciliano 1974,V.S.: 102)

Assim essas construções apresentadas na obra, dá impressão que os personagens falam por si próprio, a partir daí constata-se que eles não têm um domínio linguístico. O que faz com que suas falas necessitem ser auxiliados pela narração.

## 2.1 Visão do narrador e personagem

Em alguns momentos na obra aparece alguns discursos negativos relacionados à dominação dos outros homens, diminuindo os retirantes. “não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”(RAMOS,1974 P.60). Aqui há certo tipo de revolta com os acontecimentos que envolve a vida do retirante. E em outra parte: “era um desgraçado, era como um cachorro, so recebia ossos” (RAMOS 1974 P.140).

Através desse discurso percebe-se a consciência do sertanejo sobre o quanto ele é dominado pela necessidade, e Graciliano Ramos não esconde as palavras para mostrar essa realidade em estado bruto sem lapidação. A consonância entre a voz do narrador e do personagem se dá geralmente por uma espécie de desilusão de insatisfação com os acontecimentos.

se pudesse mudar-se gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele.(RAMOS. Graciliano 1974 P.139)

Aqui aparece uma revolta sobre tudo o que envolve aquelas vidas secas, o ambiente, a sociedade. No entanto essa última frase pode ser tanto do personagem como do narrador. Fabiano sente o peso do que ocorre em sua volta, e o narrador sabe das razões desses acontecimentos. Porém algumas vezes há certo distanciamento das duas vozes como é o caso do final da obra.

e andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis acabando-se como baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos(RAMOS. Graciliano 1974 P. 128)

Na primeira frase deste trecho aparece a posição do narrador, a ideia de que os retirantes tinham como sonho a cidade, não era ainda realidade, mas somente ilusão. Já a partir da segunda frase mostra a esperança dos personagens em

relação ao sul. Na quinta oração aparece um questionamento: “que iriam fazer?” essa pergunta, no entanto pode ser do personagem transmitindo uma incerteza, ou uma expressão do narrador com relação à sorte que eles supostamente teriam encontrado. A partir desse ponto o que predomina é a voz do narrador mostrando que as esperanças seriam inúteis. Ele diz contextualizando no universo dos retirantes, que o lugar poderia ser diferente, mas que a situação seria a mesma, que eles novamente viveriam dominados, oprimidos, seres sem escolhas.

Há uma proximidade e um distanciamento do narrador em relação aos personagens. Quando o mesmo está próximo, não deixa de partilhar da sua desilusão, da dor, do sentimento de impotência da família. Já quando ele se posiciona distante, adota o que há de ilusão e de equívoco na vida dos sertanejos. Assim ele partilha do sofrimento e não do sonho dos retirantes.

## **2.2 Veracidade das palavras através de provérbios**

Fabiano o personagem que se julga inferior quanto ao domínio da linguagem, sempre vê o seu discurso observado e julgado, nesse contexto há sempre um perigo do erro, ameaçando o seu falar, é nessa perspectiva que se desenvolve a visão de mundo de Fabiano, ele acha que a linguagem é dos outros homens e que não faz parte do seu mundo. Ele faz uso da linguagem como se fosse o uso da fazenda, como um empréstimo, uma passagem, que está ali sem ser dono dela. O personagem está convencido que a linguagem é dos outros e que ele é só um bicho. Sua voz é reprimida, abafada, temerosa. Garbuglio comenta que:

“quando Fabiano fala rompendo a zona de silêncio que lhe está reservada, sua palavra não autorizada é prenúncio de novos castigos e assim por diante. Aliás, neste universo, onde o grito se opõe ao silêncio e o impõe, falar é sempre perigoso e duramente reprimido”. (Garbuglio, 1983:375)

Algumas dessas palavras que saem da boca do personagem é uma exteriorização, é como se as profundezas de seu pensamento viessem à tona. Isso não significa que essa palavra externa foi realmente dita. O que é expresso no discurso direto fica entre o pensar em voz alta, e o falar em voz baixa. O discurso apresentado pelo personagem através de interjeições, revela de um modo geral um

sentido de conformismo e de revolta. Vejamos outro exemplo de discurso direto na obra.

se pudesse economizar durante alguns meses levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria a gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, resignava, numa aflição tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco.(...) de repente estourava:\_ conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa. (RAMOS. Graciliano, 1974 P 135).

Pode-se perceber a repetição das frases no discurso do personagem, expresso em indireto livre “quem é do chão não se trepa”. A partir daí a impressão de que essa fala é produzida por um locutor universal. Esse tom proverbial das palavras “quem é do chão não se trepa” e “dinheiro anda num cavalo” é que Fabiano não tem uma responsabilidade de fala, apenas prefere a coletividade dos provérbios. Dominique Maingueneau observa que se trata de: “enunciados já conhecidos por uma coletividade que gozam o privilégio da intangibilidade: por essência, não podem ser resumidos nem reformulados, constituem a própria palavra, captada em sua fonte”(MAINGUENEAU, 1989:100-1).

Em outro momento aparece uma frase proverbial dita por Fabiano. “Homem bom, seu Tomás da Bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele Fabiano era aquilo mesmo bruto” (RAMOS. Graciliano, 1974, V.S.:73).

Essas frases utilizadas pela coletividade social como “cada qual como Deus o fez” Fabiano não está somente tentando cobrir a sua dificuldade com a linguagem com estruturas já construídas, mas também usando dessas expressões para dar veracidade a suas palavras.

A narrativa desenvolve-se principalmente através da reflexão dos personagens, como por exemplo, é o ocorrido no capítulo “soldado amarelo”. Nele Fabiano se congela com pensamentos sobre o que fazer com o soldado, discute consigo mesmo sobre a tomada de decisão, matar ou não matar. Nesse caso o monólogo interior faz-se como um diálogo que o personagem tem consigo mesmo. Ele agora é um homem dividido entre o homem que deseja ser homem que quer entrar para o cangaço, ou o homem que aceita tudo de cabeça baixa, que é uma questão social e será abordado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### 3. Opressão, exploração e injustiça social: A crítica e a denúncia

O produtor alagoano, “Mestre Graça”, entendedor da veracidade do sertão, optou por relatar através da escrita os problemas ocasionados pela seca, demonstrando esse trabalho através de uma pequena família de retirantes formada pelo pai, Fabiano, pela mãe Sinha Vitória, e os dois meninos, ambos sem nome, e de uma cachorra, cujo nome é Baleia. Através do universo desses seres o autor conseguiu transmitir a clareza de todo tipo de miséria, exploração que é vivenciada pelas pobres famílias que habitam o sertão entre opressão e conflitos. Assim como o fatalismo de um ponto de vista marcada por tragédia de toda encadeação.

O primeiro capítulo descreve a caminhada dos retirantes no árido sertão nordestino, momento esse em que os sertanejos chegam a uma fazenda abandonada, seria a marca do começo das chuvas, já dispendo um paralelo inicial, entre a vida dos seres e o ciclo da natureza. A chuva parecia encher o universo da família de esperanças. Mas devido a condição dos retirantes de desfavorecidos, o destino já seria traçado. As chuvas alimentavam as forças, o sonho, as expectativas. Oposto a família, não estavam apenas a natureza, mas também, “os poderosos”.

No processar da análise, o autor, dispõe indignação ao afirmar as dificuldades submissas pelos retirantes. A narrativa apresenta uma denúncia as condições míseras e a falta de amparo social, descreve os problemas sociais e comunicativos, a seca do sertão nordestino, as injustiças, as esperanças e os pequenos sonhos que o sertão absorve.

A crítica é apresentada por meio da opressão, para evidenciar tal concepção é criado personagens opressoras e oprimidas. Através desta demonstra os problemas, tanto discursivos como sociais, explorando a dimensão social e individual de cada personagem, objetivando questionar em um tom denunciativo e crítico as questões sociais. A miséria, a falta de abrigo, a intolerância do patrão e do governo representado pelo Soldado amarelo, são membros que atingem a família

dos sertanejos nordestinos que são abandonados tanto em esfera discursiva quanto social.

No romance esses problemas acabam gerando graves consequências que são utilizadas como recurso de opressão pelas outras personagens contra a pobre família de Fabiano, reduzindo-os a marginalização. Observa-se portanto, a realidade presente em “Vidas secas”, o desamparo das famílias do Nordeste, as injustiças contra as camadas menos favorecidas e o descaso político, são episódios que impossibilitam o indivíduo de ter opinião, contribuindo para a exclusão social. A repressão política é representada pelo patrão de Fabiano que aproveitava do pobre retirante para obter lucros, que para se manter na fazenda era obrigado a fazer um acordo de deslealdade.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. (RAMOS. Graciliano, 1981:92)

Fabiano encontrava-se cercado, entre a seca, o latrocínio e a exploração do patrão. Desculpava-se até pelo lamento que enxergava entre o que lhe estava sendo pago e aquilo que deveria receber. Tinha consciência da exploração a qual estava sendo submetido, como no episódio em que percebe que as contas feitas não condiziam com as que eram elaboradas por Sinha Vitória, porém há uma consciência obscura, sem recurso de poder. Pois esse arcabouço em “Vidas secas”, é a palavra elemento de artifício dos poderosos e aqueles que não tem esse domínio, sofre com as medidas de um governo opressor que anula o outro. “O homem sertanejo”.

A verdade é que o vaqueiro sempre se serviu do trabalho penoso, como saída para sua sustentação, e por não ter um mínimo pedaço de terra, acreditava que a única forma de se estabelecer era trabalhando para os outros, a aceitação e o conformismo é evidente por parte do retirantes. Assim devido as suas condições determinadas pelo meio, leva-o, a entender que nunca conseguiria ter uma progressão de vida, e detectava somente uma forma de sobreviver no sertão era aceitar ser humilhado, derrotado, decepcionado, e poderia oferecer apenas a sua força e o seu trabalho para se manter.

Logo percebe-se que Fabiano não tinha uma ideia que fosse possível mudar a situação dele e dos membros de sua família, não tinha meta para mudar de vida, pois era descrente dessa possibilidade, de que as coisas melhorassem, e não acreditava que os filhos poderiam ter um destino melhor na cidade grande.

Graciliano Ramos faz uma denúncia das injustiças em sua obra através do Soldado amarelo, corrupto e que ainda será analisado minuciosamente neste capítulo, trazendo uma analogia entre os ricos proprietários e opressores, apresentando evidentemente a exploração social, que não é ocasionada apenas pelo determinismo de espaço, mas também pelas instituições de poder.

A obra mostra como Fabiano era inocente e o tempo todo enganado descaradamente pelo patrão, mas por temor de ser expulso da fazenda, aceitava as exigências absurdas. Sendo assim Fabiano, ouvia quieto as humilhações, se desculpava, em benefício da família silenciava- se.

Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra á- toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens.( RAMOS. Graciliano 2010 p.94)

Era encarregado de todo tipo de serviço, para obter uma pequena porcentagem dos animais criados . Entretanto era obrigado a se desfazer dos bichos para continuar se mantendo na fazenda, as rezes, desse modo, voltavam repentinamente para o proprietário da fazenda, e Fabiano ainda ficava endividado e se fizesse alguma reclamação, o patrão se justificava dizendo que o diferencial derivava de juros. Em outro episódio, Fabiano ao negar as desculpas do chefe quis argumentar. O proprietário da fazenda não aceitando a situação pronunciou em demissão. Fabiano abatido se arrepende do acontecido.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo, na porta, enganchou as rosetas das esporas, afastou- se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos. (RAMOS, Graciliano, 2010, p. 42)

Passamos a uma análise de quando Fabiano tem um episódio recordado que foi o instante em que o fiscal da prefeitura tem intolerância e oportunismo com as cobranças de impostos de forma arbitrária e sórdida. Levando o retirante a se confundir em seus pensamentos, a fingir de desentendido, pois não compreendia

nada do que estava acontecendo, era bruto. E Fabiano, não iria discutir com governo. Não entendia nada de impostos. A intuição de estar sempre sendo enganado, o persegue. O vaqueiro tem conhecimento da injustiça, mas a expectativa de defesa, acaba por colidir na hierarquia, que não compreendia mas respeitava.

Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado as despesas do natal: matara-o antes do tempo e fora vende-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e o atrapalhara, Fabiano fingira de desentendido: não compreendia nada era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo, de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. (RAMOS. Graciliano, 2010.p, 95).

Os valores creditados pela sociedade vão muito além do simbólico. Em “Vidas secas”, encontra-se constantemente a regressão da família de retirantes por viver em uma sociedade que lhes renunciavam o direito de ter alcance aos bens culturais e materiais.

Em consonância desses valores é que sempre se julga as coisas e ao outro, é desse modo que nota-se em Fabiano e sua família tornarem seres “seres invisíveis”, pois a ele foi renunciado o bem que lhes possibilitaria a chance de liberdade, a linguagem, o discurso. Como todos os membros componentes da família não aprendeu a argumentar, e nem cobrar seus direitos, só lhes restariam a caminhada, sem destino, na crença de que talvez, em outro horizonte os valores sejam distintos.

O que aparenta perturbar Fabiano não é a questão do trabalho como vaqueiro e sim viver em situações tão impiedosa resultante do seu ofício. O narrador apresenta dois extremos na obra: os que podem argumentar e os que devem escutar. Os que tinham autoridade e os que devem submeter-se. Há na extensão do romance um paradoxo entre a força braçal e a intelectual. Sendo Fabiano e sua família representante do povo do nordeste, e de outro lado o soldado amarelo e o proprietário da fazenda simbolizando o governo. Fabiano acaba cedendo a perda, porque aceita como povo privado desse poder. Não a força rústica, a qual dispõe o retirante, mas a força de persuasão, de comunicação que o governo domina: a linguagem soberana, que absorve a força rude.

O autor do romance demonstra que a questão da escravidão no Nordeste brasileiro, nunca deixou de existir, ela tem se camuflado de outras maneiras. Assim, o romancista, denuncia o estabelecimento do regime hierárquico no sertão, deixando vislumbrar, que em época de miséria e seca, esses problemas se intensificam. Por esta razão, Graciliano ocupa –se do mutismo do povo, para elaborá-lo por meio da Literatura, sobre as condições da população nordestina agredida pela desigualdade social. O fator histórico social brasileiro dessa forma não progride. Sendo que o romance transparece a chegada dos retirantes e termina com a partida dos mesmos. Esse nomadismo obrigado, é a falta de lugar social, geográfico, e político da população.

Fabiano homem do Nordeste, de quem são negados todos os direitos, essencialmente os de decisão, está unido a terra não só pela carência de ofício e sustentação, e sim aprisionado ao patrão pelo débito, e ao trabalho em sua propriedade. Mas a mesma terra que alimenta Fabiano e os seus membros familiares, segura, oprime e desaloja. E é esse ofício oprimido, que faz progredir as terras e as riquezas do patrão, deixando Fabiano preso a miséria, a fome, e até mesmo ao proprietário, visto que mesmo reconhecendo todas essas injustiças, tem conhecimento que não possui léxico para sua proteção, permanecerá a sofrer as mesmas inquietações em outras ascendências, porque do retirante não foi negado apenas o direito de se alimentar, mas também o direito de comunicar, que sente fome.

O romance na sua veracidade questiona a identidade brasileira. Os protagonistas são degradados, exilados em sua própria nação. No livro há uma expectativa de futuro, como se nele houvesse a possibilidade de criar um Brasil divergente, onde a dificuldade do povo fosse inquietação habitual e suporte básico, como alimento e teto fossem significativo nos planos sociais, e o povo tivesse lugar e relevância. Sendo assim, o corpo do romance demonstra que a saída não é a migração do trabalhador e sim metas de apoio ao povo do Nordeste em época de estiagem.

### **3.1 A representação da lei através do soldado amarelo**

Graciliano Ramos mostra através de *Vidas Secas* o drama que os retirantes nordestinos vivem, ele busca explorar o lado em que eles mais carecem ser ajudado, que é a injustiça social e a seca, este último é um fator da natureza, e não há como fugir, portanto se torna um problema natural onde não há culpados pelo seu estado.

A injustiça social sofrida pela família de retirantes é um fator que identificamos a vítima e os culpados. O autor faz uma denúncia da realidade, onde percebe-se como vive as classes menos favorecidas no sertão, essa ficção regionalista se aproxima da realidade. São fatores que transformam o homem adequando a sua realidade que é a seca e a exploração.

A opressão vivenciada por Fabiano e sua família não partia somente das condições naturais. Percebe-se em vários capítulos na narrativa onde a injustiça social representa parte do sofrimento da família, em “contas” e “cadeia”.

O soldado amarelo, por exemplo, muitas vezes na obra é chamado por Fabiano de “o amarelo”, este que procura razões para prender o retirante, pisa-lhe o pé para conseguir alguma reação através de palavras e usar como pretexto. Ele é um exemplo de relação de poder, mostrando a quem o homem deve se sujeitar, mesmo estando dentro da lei. O soldado representa o governo, uma superioridade acima dos homens. Fabiano é humilhado publicamente e preso injustamente sem ter argumentos para se explicar. Na cadeia tem inúmeros pensamentos sobre a sua situação, e o mesmo se julga derrotado e inferior a todos, assim como também idealiza pensamentos de vingança contra aquele que o prendera.

Nesse capítulo “cadeia” o autor mostra como é difícil para o povo nordestino que tenta sobreviver em meio a tantas desumanidades causadas pelo ambiente e pelo próprio homem, e também como os retirantes são aos olhos do governo.

Fabiano pertence ao grupo dos menos favorecidos incapaz de se defender e diante do soldado amarelo ele se torna ainda menor e injustiçado com acusações incompreensíveis. Além de sofrer tais injustiças o personagem ainda se vê diante de

uma situação, “escravizado”, pode-se confirmar essa tese tendo em vista que o mesmo foi “espancado” durante a sua passagem pela prisão.

Percebe-se uma grande falha no governo daquela época representado por Graciliano Ramos nesta obra. O soldado amarelo deveria ser o retrato da proteção e do auxílio aos retirantes nordestinos, mas em *Vidas Secas* ocorre o contrário, e pior na mão do governo eles se tornam seres vulneráveis e fracos.

A família de sertanejos se sente indiferente meio a multidão, constata-se esse fato quando os mesmos tem um contato com um mundo exterior “a festa”. Primeiramente o desconforto com as vestimentas que eles não eram acostumados a usar, mas precisavam parecer normais então tinham que acostumar com aquela roupa. Sinha Vitória mal conseguia se equilibrar no sapato de salto, e os meninos estavam recuados, pois nunca haviam presenciado tantas luzes, e Fabiano atento, com medo de se deparar com aquele que o prendera sem motivos.

Foram tantas descobertas naquele dia que os mesmos se julgaram bichos do mato. Dessa forma constata-se o pouco contato com a sociedade, a cidade para eles era um mundo diferente. Fabiano por exemplo se sente inferior, um bicho, ele acha isso pela sua forma de viver no sertão, sentia mais próximo do animal do que ao próprio homem.

Sentiu-se afastado daquela gente e precisou tomar aguardente para se sentir mais a vontade. E durante a festa não há um contato dos retirantes com os moradores locais, isso nos transmite a ideia de o quanto Graciliano Ramos quis mostrar como eles são excluídos por uma sociedade que se sente superior. Essa sociedade faz com que eles se sintam mais inúteis e sem valor, muito mais do que a própria realidade os torna. Tanto é que depois que Fabiano já está bêbado, ninguém se importa com seu comportamento estranho, ou seja, silencioso ou brigando o retirante continua inútil para aquelas pessoas.

Mesmo com toda essa exclusão, o capítulo festa, termina com Sinha Vitória e seus pensamentos, que com toda aquela situação de desconforto meio a multidão, seria bem melhor do que a dura caminhada pelo sertão com o sol a queimar a face,

ou seja, eles não reconhecem naquele momento a gravidade de serem discriminados pelo simples fato de serem pobres e sem instrução.

### **3.2 Submissão**

O capítulo “soldado amarelo” mostra a descrição mais profunda do personagem, suas características físicas, observa-se que ele é um sujeito fraco e magro, ali Fabiano percebe o quanto o soldado era inofensivo e medroso só tinha atitude de homem na cidade, no sertão estava indefeso.

O protagonista conhece o sertão, e nele é mais forte, naquele momento em que encontrara com “o amarelo” reascendeu o desejo de vingança. Nesse capítulo o autor nos prende pelo desejo de conhecer o desfecho desse encontro, somos levados a acreditar que poderia haver uma revanche, porque naquele momento Fabiano era superior e até mostrou o seu poder de intimidação.

O herói sertanejo se vê diante de muitos pensamentos em que vivera um ano atrás, quando foi preso injustamente pelo representante da lei, e que agora encontrara à sua frente trêmulo. Fabiano absolutamente mudo, causa temor ao soldado, seus pensamentos volta ao passado e no mesmo instante fica no presente, imaginando o que fazer com aquele sujeito. No entanto Graciliano Ramos nos surpreende com o inesperado, o protagonista não concretiza o seu desejo de vingança. Mesmo lembrando as humilhações aquele homem estava indefeso e, além disso, era uma autoridade, e contra o governo ele nada poderia.

Nesse capítulo nota-se uma profunda e amarga realidade, o soldado amarelo que representa o governo, moralmente é uma pessoa corrupta, já Fabiano apesar de ser pobre e de não possuir o básico para sobreviver, sendo humilhado e excluído por sua simples condição, diferentemente é honesto. Porém com tudo isso o soldado é respeitado e temido, apenas por ocupar o cargo de representante do governo. E respeitado também até por aquele em que cometera injustiça. O retirante depois de tudo ensina o caminho a ele, constatando que “governo é governo” mostrando o legado de opressão sofrida por ele e por vários “Fabianos” do nordeste brasileiro.

Essa narrativa não apenas mostra o problema da seca, mas também integrando a ela o espaço social e também os dilemas de homens simples que são oprimidos tanto pela natureza quanto pela sociedade.

### **3.5 Realidade social através dos personagens**

Apesar de esse romance ser do ano 1930, percebe-se que desde então até a atualidade pouca coisa se difere principalmente quando este relata a injustiça social, nem é preciso dados para notar que ela se amplia cada vez mais não somente no sertão nordestino como em todo o Brasil. Existem muitos patrões e soldados amarelos aproveitando daqueles que pouco se tem que segue calado com um silêncio gritante, que tem voz, mas é obrigado a calar-se, pois não há outra alternativa. Então são inúmeros fatores que se aproximam da realidade de 2017.

Fabiano é um personagem fictício, mas são situações vividas que nos transmitem veracidade. O ocorrido entre o soldado amarelo e o protagonista acontece quase que diariamente hoje, o que diverge são as vestimentas amarelas do soldado e a condição do Fabiano, que pode ser de lavrador, pedreiro, vaqueiro entre outras profissões dignas que são diminuídas frente a sociedade e o governo. E o que dizer então de um retirante que não tem profissão, e ainda que continua a sobreviver através de favores seguindo na esperança do inverno vir antes da morte, caminhando e vivendo de incertezas.

Para o soldado, Fabiano era assim sem dignidade, sem valor. E o soldado causava a ele diversos sentimentos, como revolta, temor e respeito. Revolta porque para ele era desnecessário tudo o que o soldado o fez passar, ultrapassando a autoridade que a sua profissão lhe oferece. E essa revolta ora ou outra aparece em *Vidas Secas* no discurso ou no pensamento do Fabiano, que as vezes passa a ser de temor, o personagem tem receio de encontrar novamente aquele que o prendera, como é o ocorrido no capítulo “festa” onde a família aparece pela primeira vez na cidade. E o respeito que o personagem mostra sentir pelo soldado é fruto da opressão, o mesmo sabe o quanto era pequeno para o governante, mas apesar disso mostra humanidade dentro de si, não poderia se igualar em atitudes corruptas.

O romance mostra um equilíbrio pelo bem, são personagens rústicos, pobres, que não teve a oportunidade de frequentar escolas e adquirir vocabulário, mas que ao contrário dos outros personagens secundários possui conhecimento de mundo que não os fazem desistir de viver, que sobrevivem com o mínimo, que já viu e ouviu muita situação de opressão, exclusão. O soldado amarelo, por exemplo, não possui essa força, tanto é que quando se vê por alguns momentos perdido no sertão perde a sua autoridade se torna fraco por estar em um ambiente divergente.

A família de sertanejos são os seres fortes da obra, vivem em um sertão amargo, mas nunca perde a esperança de seguir em frente. Mesmo quando tudo esta perdido, mesmo a chuva findando e tudo voltando a ser cinza, amarelo e castigador, eles caminham em busca de um futuro melhor.

## CONCLUSÃO

Desde o primeiro contato com o livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos nota-se uma veracidade voltada para a realidade atual, o autor opta por narrar a seca e personagens socialmente fracos, e é a partir dessas concepções que é norteado todo o presente trabalho, que tem como finalidade mostrar um mundo que muitos veem com invisibilidade.

É de grande importância estar em contato com uma obra com tal realidade, que torna as pessoas mais humanas que às vezes desconhecem a vida de um sertanejo nordestino. É possível ver imagens, sofrimento e o sol através dos discursos sabiamente utilizados para se aproximar e transformar o livro em uma vida e um sertão ambulante.

O presente trabalho aborda todos os elementos que compõem uma vida seca, desde as cores utilizadas para personificar o sertão, até as opressões que excluem os personagens da sociedade, aproximando-os dos animais. Além de descrever a dura realidade nordestina através de uma família de retirantes que é utilizada para generalizar o sofrimento de milhões de sertanejos que são também vitimados por diversas forças.

Primeiramente deve-se destacar neste, que as razões do presente trabalho tem como ponto de partida a seca explícita na obra “Vidas secas”. O ambiente tem como cenário a caatinga, e através dela é que toda a narrativa se adequa, o patrão, o soldado amarelo, a família de Fabiano, todos possuem vidas secas, seja de sentimento, caráter ou recursos.

A partir dessa ideia percebe-se que através da seca, são gerados outros problemas para os protagonistas, e que muito além dela destruir sonhos e vidas, reduz o ser humano, tira a oportunidade de adquirir conhecimentos, molda o sertanejo adequa ele a sua secura, como é o caso da linguagem dos personagens.

A linguagem analisada é simples, os personagens possuem deficiência linguística, e este também é fruto da seca que não os permitem frequentar escolas e adquirir vocabulário, estão preocupados apenas com a sobrevivência, a luta pela vida é diária. A história da família é narrada em treze capítulos e em todos eles não

há discursos longos falados pelos personagens, são frases soltas sem significação. Outra questão é a exclusão social onde são diminuídos pela sua condição, o homem no sertão fica indefeso, tanto pelo ambiente castigador que não oferece recursos, quanto por outros homens que se sentem superior e no direito de explora-los.

Partindo desses argumentos nota-se que no sertão a vida é sempre sofrida, são dias secos e incertos para os retirantes em todos os aspectos, vivem apenas imaginando dias melhores, longe do sofrimento, da exploração, eles querem ir rumo a igualdade, educação e lugares verdes. Mas isso acontece apenas em pensamento, pois viver no sertão é um círculo sem fim, por onde quer que eles vão a seca estará preso aos seus pés, não possuem recursos para ir além do Nordeste, tem apenas a dignidade e a simplicidade, e isso para a sociedade não é valor.

É de grande importância trabalhar com um autor que mostra ao leitor um mundo divergente através de sábios discursos, e imagens através das letras. Graciliano Ramos é um mestre da Literatura brasileira que utiliza a linguagem dos homens, a popular. Sua capacidade de narrar uma história verossímil se aproximam da realidade.

“Vidas secas” se constrói através da ficção, registros de situações reais, onde podemos entender claramente o cotidiano e a vida de um retirante nordestino, que enfrentam diariamente a seca e o descaso social. O autor faz uma personificação dando importância a um ser animal, e opta por não dar nomes ao filhos do casal de retirantes, para mostrar o quanto são seres invisíveis, nesse romance ao relacionar o humano do animal, o autor procura, antes de mais nada, interrogar qual é a conclusão que determina o que é ser humano. Mas porque Vidas secas? primeiramente é essencial compreender que a Literatura preserva uma parte de segredos, acima de tudo resiste ao anos, aos leitores e a história. Aqui encontramos a possível resposta para pergunta. Ao ler Sr. Graciliano comprovamos a nossa própria eficiência. Assim não podemos interpretar seus livros, sem nos sentirmos comovidos por esse anseio de modificação. O autor apenas almejava que nossas vidas tolerassem conceber outras menos secas.

São muitos obstáculos impostos por uma realidade desumana a seres que só querem viver. É relevante se ter um olhar atento para essa realidade escondida que

sofre em silêncio. Através desta pesquisa pode-se nota que o homem no sertão nordestino é exposto a várias situações degradantes, e como a seca castiga os seres em todos os aspectos, e não apresentando a família na obra, mas também atentar para o fato de que realmente existe essa realidade, onde não apenas na obra, mas que hoje, agora, no sertão brasileiro há vários “Fabianos” que lutam e passam por todas essas situações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 113ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** 1992

\_\_\_\_\_RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** 1974

\_\_\_\_\_RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** 1937

DE ASSIS MIRANDA, Vivina. **Literatura comentada**, Graciliano Ramos.3ª ed. São Paulo: Nova cultural, 1990.

DE CASTRO, Marcos. **Caminho para a leitura**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MOTTA VICENTE, Sérgio. **O engenho da narrativa e sua árvore genealógica, das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2006.

DE NICOLA, José. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**.15ª ed. São Paulo: Scipione, 1998.

MARINHO CELINA NOVAES , Maria. **A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos**. 61 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Humanitas FFLCH, 2000.

MALARD, Letícia. **Ensaio de Literatura Brasileira, Ideologia e realidade em Graciliano Ramos**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada1972.

\_\_\_\_\_CÂMARA Mattoso 1977:39

MAGALHÃES BULHÕES, Marcelo. **Literatura em campo minado, A metalinguagem em Graciliano Ramos e a Tradição Literária Brasileira**.1ª ed. São Paulo: Annablume, 1999.

\_\_\_\_\_MAINGUENEAU, 1989:100-1

\_\_\_\_\_GARBUGLIO, 1983:375

RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano. Confirmação humana de uma obra.** 1ª ed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_CÂNDIDO, Antônio, 1999. Pgs 107 e 108.

BARTHES, Roland. GREIMAS, A.j. BREMOND, Claude. ECO, Umberto. GRITTI, Jules. MORIN, Violette. METZ, Christian. TODOROV, Tzvetan. GENETTE, Gérard. **Análise Estrutural da narrativa.** 8ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

CASTELLO ADERALDO, José. **A Literatura Brasileira, Origens e Unidade.** 6ª ed. São Paulo: Edusp. 1999.

LINS, Álvaro. **Valores e misérias das vidas secas.** Posfácio á 113ª edição. de Vidas secas. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

## DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 22 de Novembro de 2017.

Mayre Oliveira Santos

Acadêmico (a)

CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**DECLARAÇÃO DE DISCENTE**

Declaro para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 22 de novembro de 2017.



Acadêmico (a)

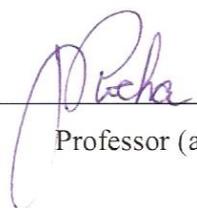
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS  
CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Eu, Moralice Santiago Rocha, professor de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês do (a) acadêmico (a) Mayre Oliveira Santos, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), ..... de ..... de 2017.



Professor (a)

Professor: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone fixo: \_\_\_\_\_ Cel.: \_\_\_\_\_

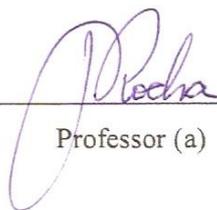
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS  
CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Eu, Maralice Santiago Rocha, professor de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês do (a) acadêmico (a) Rosiane Oliveira Santos, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), ..... de ..... de 2017.

  
\_\_\_\_\_  
Professor (a)

Professor: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone fixo: \_\_\_\_\_ Cel.: \_\_\_\_\_

**CÂMPUS POSSE - GOIÁS**  
**COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO**  
**PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA**  
**CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

**FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA**

**Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento**

Projeto de Pesquisa

Monografia

Declaro que a acadêmica...*Mayre Oliveira Santos*.....realizou,  
cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada Monografia, estando apto a depositá-la,  
conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

Concluída e finalizada (redigida e digitada).

Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).

Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

Realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

---

---

Posse (GO) 13 de Novembro de 2017.

*Rocha*

\_\_\_\_\_  
Orientadora



**CÂMPUS POSSE - GOIÁS**  
**COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO**  
**PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA**  
**CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

**FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA**

**Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento**

- Projeto de Pesquisa  
 Monografia

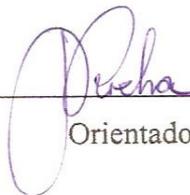
Declaro que a acadêmica Resiane Oliveira Santos realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- Concluída e finalizada (redigida e digitada).  
 Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).  
 Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).  
 Realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.  
 Não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.  
 Trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Posse (GO) 13 de Novembro de 2017.



\_\_\_\_\_  
Orientadora